

CONSTRUÇÕES BINOMINAIS QUANTITATIVAS

Karen Sampaio Braga ALONSO

Universidade Federal do Rio de Janeiro
karensampaio@hotmail.com

Resumo

Este trabalho tem como objetivo descrever as construções binominais quantitativas relacionadas ao padrão mais geral *um N1 de N2*. Para tanto, será utilizada como base teórica os princípios da Linguística baseada no uso, a proposta goldbergiana da gramática de construções e o processo de gramaticalização entendido como a formação de novos padrões gramaticais na língua. Por fim, será proposta uma rede construcional envolvendo as construções descritas, a qual será justificada em função de fatores de ordem gramatical e cognitiva.

Palavras-chave

gramaticalização; gramática de construções; construções binominais quantitativas; Linguística baseada no uso

Introdução

Este trabalho tem como objetivo apresentar uma descrição das construções binominais quantitativas do tipo *um N1 de N2*, a exemplo de *uma dúzia de canetas, um quilo de arroz, um pouco de feijão, um monte de pessoas*, etc.¹ Em outras palavras, propõe-se que há diferentes construções que poderiam ser postuladas a partir de uma construção mais geral resultante da junção de *um + nome1 + de + nome2* (ou *um N1 de N2*). Assume-se, assim, que embora se postule uma construção mais geral, entende-se, por outro lado, que o sintagma *um quilo de arroz*, por exemplo, poderia instanciar uma construção diferente daquela que é instanciada por *um monte de pessoas*, e assim por diante – formando-se, dessa forma, sub-padrões de construções binominais quantitativas.. Tendo isso em vista, um dos objetivos do artigo é o de demonstrar em que medida essas (sub)construções se diferenciam em termos do pareamento de forma e sentido que cada uma ilustra.

Além da descrição das construções mencionadas, será apresentada uma proposta de distribuição dessas em uma rede de relações de herança, a qual, de um lado, será configurada dentro da proposta wittgensteiniana (Wittgenstein, 1984) de semelhança por familiaridade; de outro, terá sua formação justificada em termos do processo de gramaticalização (concebido, nesse caso, em um sentido menos clássico: a saber, o surgimento de novos padrões construcionais na língua, tal como se vê em Tomasello, 2003), bem como por meio de operações de ordem cognitiva (especialmente as descritas em Talmy, 2006).

Portanto, tomam-se como bases teóricas mais específicas a gramática de construções, tal como exposta em Goldberg (1995; 2006) – entendendo, dessa forma, que a gramática de uma língua é estruturada por uma rede de pareamentos de forma e sentido –, bem como o pressuposto de que esses pareamentos são frutos de cristalizações advindas do discurso e estabelecidas por gramaticalização (Tomasello, 2003).

Levando em conta a abordagem do uso (Bybee, 2003, 2006, Tomasello, 2003, Noël, 2006, entre outros), defende-se que são as regularidades do discurso que dão base para a abstração de padrões sintáticos na língua. Ou seja, sequências morfossintáticas usadas com maior frequência para determinados propósitos discursivos podem passar a ser identificadas pelo falante como um padrão sintático mais abstrato, dando origem a uma nova construção gramatical. É o que se pode conferir em Tomasello (2003:3), a seguir:

Em contraste com a gramática gerativa e outras abordagens formalistas, em uma teoria baseada no uso, a dimensão gramatical de uma língua é produto de um conjunto de processos históricos e ontogenéticos referidos coletivamente como gramaticalização. Quando seres humanos usam símbolos para se comunicar uns com os outros, colocando-os em sequência, padrões de uso emergem e se tornam consolidados em construções gramaticais.

¹ O presente artigo se baseia nas análises demonstradas em Alonso (2010), onde se encontram informações mais detalhadas e precisas, bem como toda a quantificação realizada acerca do escopo do trabalho.

Assim, argumenta-se que fenômenos de uso podem ser associados de forma estrita ao surgimento de novas construções na língua, da mesma maneira que realimentam o sistema linguístico (cf. conceito de *feedback*, em Barlow e Kemmer: 2000), uma vez que servem de *input* para o sistema de outros falantes. O falante, ao fazer uso de sua língua, reproduz padrões já estabelecidos, mas também cria estruturas inéditas, as quais surgem do conhecimento prévio que ele possui em relação às construções gramaticais já consagradas.

Para construir um arcabouço teórico em que se postulem questões acerca dos mecanismos de formulação e reformulação da gramática como rede de construções, é preciso congrega duas tradições importantes dentro dos estudos da linguagem: a primeira, que procura dar conta da mudança linguística, como o que se vê na abordagem funcionalista da gramática; a segunda, que, associada à primeira, promova uma descrição apurada dos processos cognitivos envolvidos no uso da língua – a qual se liga fortemente aos propósitos da perspectiva cognitivista. Acredita-se, então, que a aproximação desses dois arranjos teóricos parece ser a saída para se realizar uma reflexão em torno de questões sobre como se organizam as construções gramaticais, de onde tais padrões emergem e como se renovam na língua.

Realizadas essas considerações mais gerais, passa-se a apresentar os subtipos de construções binominais quantitativas analisados e a rede construcional em que essas construções estão dispostas. Por fim, encontram-se a conclusão e as referências bibliográficas básicas utilizadas no artigo.

Construções binominais quantitativas

As construções binominais quantitativas tratadas no presente artigo se formam com a estrutura sintática constituída do item *um* acompanhado de N1 mais a preposição *de* mais N2 (ou *um N1 de N2*) e se dividem em 4 subtipos. São eles: *Num N1 de Nsing2*, *Num N1 de Npl2*, *Art Indef N1 de Nsing2* e *Art Indef N1 de Npl2*. Como será visto adiante, em dois desses padrões, o item *um* pertence à categoria dos numerais (*Num*) e, em outros dois, será caracterizado como artigo indefinido (*Art Indef*). Além disso, em duas das construções apresentadas, N2 tenderá a aparecer na forma singular (*Nsing2*) e em outras duas, a preferência será pelo plural (*Npl2*).

Buscando maior clareza acerca do escopo do presente trabalho, podem-se apresentar algumas das características básicas² dos 4 sub-padrões expostos e seus respectivos exemplos da seguinte forma:

² Mais uma vez, descrições mais completas das construções binominais quantitativas em foco estão disponíveis em Alonso (2010), cujas conclusões foram encontradas a partir da análise de seis inquéritos entre dois informantes, retirados do site do projeto NURC, e das produções textuais do *corpus* do Grupo de Estudos Discurso & Gramática, referentes aos informantes do Rio de Janeiro.

1. *Num N1 de Nsing2* (a exemplo de *um quilo de farinha, uma pitada de sal, um grão de areia*): nessa construção, entende-se que há uma relação parte-todo entre o referente expresso em *N1* (*quilo, pitada, grão*, os quais seriam entendidos como parte, parcela, porção de algo) e aquele que aparece em *Nsing2* (*farinha, sal e areia*, que representaria, nessa configuração, a ideia de “todo”). Além disso, dentro da relação parte-todo explicitada, a parte é perfilada, ou seja, tem seu grau de proeminência aumentado – o que se justificaria por essa construção cumprir a função de tornar possível a quantificação de referentes tomados como incontáveis (a exemplos daqueles exemplificados para *Ning2*). Também nessa construção, pode-se observar que *N2* (por isso, *Nsing2*) tende a aparecer no singular, o que ratifica a sua configuração incontável.
2. *Num N1 de Npl2* (como é encontrado em *um grupo de pessoas, um conjunto de canetas*): assim como a anterior, essa construção também mantém a relação parte-todo descrita anteriormente; entretanto, diferencia-se da outra por inverter essa relação em termos do papel de *N1* e *N2*. No caso, *N1* (*grupo, conjunto*) apresenta o referente relativo à ideia de *todo* e *Npl2*, ao da *parte, parcela*. Por referir-se a parte, ou ainda, a unidades de um conjunto, *N2* (*pessoas, canetas*) tende a se realizar no plural (daí, *Npl2*). Nessa construção, o referente da noção de “todo” será perfilado, uma vez que ela é usada em contextos em que o foco não é quantificar elementos entendidos como incontáveis, mas aumentar a quantidade de um determinado item, por meio de uma estrutura que deixe a ideia de grupo, conjunto, mais proeminente.
3. *Art Indef N1 de Nsing2* (por exemplo, *um pouco de manteiga, um bocadinho de areia*): essa construção se assemelha com aquela que aparece em (1), por conta de se manter a relação parte-todo com perfilamento da parte – tendendo *N2*, conseqüentemente, a aparecer no singular. Entretanto, diferentemente daquele, defende-se que há, agora, em associação ao processo de quantificar elementos entendidos como incontáveis, uma avaliação subjetificada do falante quanto à quantidade descrita em *N1* (*pouco, bocadinho*) com relação a *Nsing2* (*manteiga, areia*).
4. *Art Indef N1 de Npl2* (tal como se vê em *uma cacetada de crianças, uma porção de pessoas*): nesse caso, é recuperada a relação parte-todo, comum a todas as construções descritas, com a proeminência do *todo* expresso em *N1* (*cacetada, porção*) e *N2* tendendo a se concretizar na forma plural – tal como se observou em (2). Mais uma vez também, agora semelhantemente ao que ocorreu em (3), a multiplicação, a ideia de conjunto (expressa em *N1*, a exemplo de *cacetada, porção*) de unidades ocorre sob a ótica subjetiva do falante, que julga a quantidade em termos daquilo que entende como sendo *normal*.

Feita essa primeira apresentação do escopo do artigo, segue-se o estudo mais detalhado das propriedades formais e semântico-pragmáticas das construções binominais quantitativas.

O padrão *Num N1 de Nsing2*

Considerando a construção *Num N1 de Nsing2*, observou-se, como em parte já mencionado, que esse funciona para quantificar elementos conceitualizados como incontáveis e não delimitáveis, por meio da extração de parte do elemento expresso em *Nsing2*. Na construção *um quilo de farinha*, por exemplo, *farinha*, configuracionalmente tomado como incontável, tem sua parte extraída por *quilo*. A esse processo cognitivo, Talmy (2006) deu o nome de *extração de unidade (ou porção)*.

Segundo o autor, algumas estruturas da língua cumprem o papel de modificar a configuração semântica imediatamente relacionada a um determinado referente; sendo assim, entende-se que, nessa construção, há um mecanismo gramatical estabelecido em *um Num N1 de*, o qual funciona como artifício para quantificar elementos incontáveis (como aquele que, dentro da construção, é referido em *Nsing2*).

Além do conceito de extração de unidade ou porção encontrado em Talmy (2006), uma outra noção básica deve ser levada em conta quando se trata da construção *Num N1 de Nsing2*. Em outras palavras, para além da função de delimitar referentes tomados como não-delimitados, o processo de extração de porção pode se associar também a uma operação cognitiva que envolve o que o autor denomina de *estado de divisão*.

O *estado de divisão* prevê que nomes entendidos como contínuos passam a ser configurados como discretos por meio de uma operação cognitiva de conversão desses traços. Essa operação seria ativada pela construção binominal quantitativa de que trata o artigo. Para exemplificar, pode-se tomar a instância *um grão de areia*. Nesse exemplo, *areia* é um referente (+)contínuo e *grão*, (+) discreto; sendo assim, toma-se a parte de que a areia é formada – *grãos* – para quantificá-la.

Já em *um quilo de farinha*, *quilo* não se caracteriza por ser uma parte de que a *farinha* é composta, tal como aconteceu com *grão* e *areia*. No caso, trata-se de uma unidade criada culturalmente que cumpre a função de delimitar a parte em relação ao todo. Por isso, Talmy (2006) dá ao processo o nome de *estado de delimitação*.

Parece haver aí um processo mais geral de extração de unidade ou porção, que se associa a outros processos cognitivos, como, por exemplo, de divisão ou delimitação. Ao mesmo tempo, é importante perceber que, para o falante, “essas pequenas idiossincrasias não afetam sua compreensão da função discursiva mais geral da construção, levando à conclusão de que a construção gramatical assume uma função singular na língua: a de apagar as diferenças – para citar Wittgenstein (1984) – e permitir que o jogo da linguagem siga em frente” (ALONSO, 2010).

O padrão Num N1 de Npl2

Nessa construção, diferentemente da anterior, encontra-se paralelamente ao processo de extração de unidade ou porção aquilo que Talmy (2006) chama de a *multiplexização*. De acordo com Talmy (2006), existem artifícios sintáticos e morfológicos para converter uma determinada entidade em *uniplexa* ou em *multiplexa*. No caso dessa construção, o objetivo seria o da *multiplexização*, em que se multiplica o referente expresso em *Npl2*. Por exemplo, quando se toma o exemplo *um conjunto de canetas*, o referente caneta é multiplicado na quantidade estabelecida em *N1*.

O padrão Art Indef N1 de Nsing2

A construção *Art Indef N1 de Nsing2* (que se vê em *um pouco de manteiga*, por exemplo), como já foi comentado, há um redimensionamento do processo de extração de porção para o espaço das avaliações subjetivas, em que o falante avalia, em baixo grau, a quantidade de *Nsing2*.

No que tange a estrutura sintática da construção, defende-se também que, nesse caso, há um maior entrincheiramento sintático, quando esta é composta com um artigo indefinido. A partir das observações de Castilho (2008) acerca do uso de artigos, é possível postular que uma construção como *um litro de leite* (que instancia o padrão *Num N1 de Nsing2*) se comporta sintaticamente de modo distinto de outra, como a que se tem em *um pouco de manteiga* (que instancia o padrão *Art Indef N1 de Nsing2*). Comparando as sentenças *Eu comprei um quilo de farinha* e *Eu comprei um Ø*, é possível que haja apagamento de *quilo de farinha*; na segunda, o mesmo procedimento não pode ser aplicado, como o que se vê ao se comparar *Eu comprei um pouco de pão* X **Eu comprei um*, em que o apagamento de *pouco de pão* implica na agramaticalidade da sentença. Sendo assim, pode-se entender que a construção com artigo indefinido é mais gramaticalizada, no sentido de ser mais integrada sintaticamente – o que de certa forma ratifica a tese de Traugott e Dasher (2005) de que gramaticalização e subjetividade caminham juntas.

O esquema a seguir procura ilustrar a maior integração (ou entrincheiramento) sintática da construção com artigo indefinido. Neste esquema, especificamente, não importou muito se *N2* está no singular ou no plural, mas o fato de que, quando *um* é um artigo indefinido, a construção é mais cristalizada, de um modo geral.

[Num [N1] de N2]



[Art Indef N1 de]

Esquema 1 – gramaticalização das construções com artigo indefinido

O esquema 1 ilustra a proposta de que construções com numeral apresentam *N1* como núcleo; já em construções com artigo indefinido, o núcleo é *N2*. Em outras palavras, propõe-se um processo em que, ao mesmo tempo em que as partes se tornam mais entrincheiradas, o núcleo passa a ser *N2*.

O padrão *Art Indef N1 de Npl2*

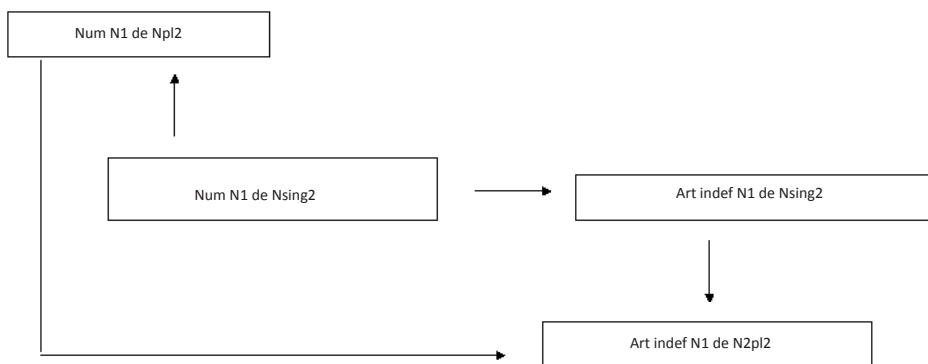
Nesse caso, tendo em vista tudo o que foi dito antes, há paralelamente à relação parte-todo – em que o todo é tomado como elemento mais proeminente na construção – o processo de *multiplexização* (Talmy, 2006), ou seja, atrela-se à construção a função de multiplicar a unidade expressa em *Npl2*. Em outras palavras, também essa construção é entendida no espaço das avaliações subjetivas, em que o elemento expresso em *N1* (por exemplo *cacetada*, em *uma cacetada de crianças*) multiplica a valor de *Npl2* (*crianças*, no caso do exemplo anterior), a partir do ponto de vista do falante. Essa construção, com artigo indefinido, seria, dessa forma, considerada mais gramaticalizada e subjetificada com relação à sua contra-parte com numeral (a saber, *Num N1 de Npl2*, a exemplo de *um grupo de pessoas*).

Feitas essas breves considerações, será a seguir apresentada uma proposta de rede envolvendo as quatro construções retratadas neste artigo, a saber: *Num N1 de Nsing2*; *Num N1 de Npl2*; *Art Indef N1 de Nsing2*; *Art Indef N1 de Npl2*.

3. A rede³

De acordo com o que já foi mencionado neste artigo, propõe-se que as quatro construções em análise estejam dispostas em uma rede caracterizada na configuração a seguir:

³ Em Alonso (2010), encontram-se os resultados das análises diacrônicas que suportaram os comentários a seguir, as quais foram realizadas dos dados disponíveis pelo *Corpus do português*.



Esquema 2: Rede das construções quantitativas binominais

A rede proposta segue o conceito de semelhança por familiaridade descrito em Wittgenstein (1984, p39). Dentro dessa ótica, diferentemente da perspectiva da radialidade, não se pressupõe a existência de uma construção-núcleo, mas relações em que se identificam semelhanças e diferenças entre os elementos componentes da rede. Ou seja, como se pode ver no Esquema 2, nenhuma das construções foi alocada em uma posição de centralidade na rede.

A configuração da rede leva também em conta duas relações básicas previstas em Goldberg (1995), a saber: laço por polissemia (lp) e laço por extensão metafórica (lm).

Em termos mais específicos, propõe-se o seguinte:

- i. Quanto à relação entre *Num N1 de Nsing2* e *Num N1 de Npl2*, a diferença estaria na proeminência dada a um dos elementos da relação parte-todo: sobre a parte, em *Num N1 de Nsing2*; e no todo, em *Num N1 de Npl2*. Essa relação de herança, na orientação que sugere a seta do esquema 2, seria herdada por um laço de polissemia, em que o perfilamento é alternado, conforme já foi dito. Em estudo diacrônico anterior (ALONSO, 2010), entretanto, não foi possível estabelecer anterioridade de *Num N1 de Nsing2* em comparação a *Num N1 de Npl2*. Apesar disso, postula-se, como base na literatura gramatical disponível, que a função primária das construções binominais quantitativas seja a de quantificar elementos entendidos como incontáveis (o que aparece em *um N1 de Nsing2*).
- ii. Já no que diz respeito à relação entre *Num N1 de Nsing2/Npl2* e *Art Indef N1 de Nsing2/ Npl2*, tem-se que há aí um laço de extensão metafórica relacionando uma estrutura com numeral e uma estrutura com artigo indefinido, em que o domínio da qualidade é mapeado no domínio da quantidade. Em Alonso (2010), por meio de análise de dados, foi possível ratificar a proposta de que construções binominais quantitativas com numerais antecedem aquelas com artigo indefinido, seguindo analogamente o percurso de gramaticalização já estabelecido entre *um numeral* e *artigo indefinido* fora dos limites desses pareamentos sintáticos.

- iii. Quanto à relação entre *Art Indef N1 de Nsing2* e *Art Indef N1 de Npl2*, entende-se que há uma mudança no grau em que *N2* é tomado, avaliado pelo falante. Nesse sentido, entende-se que, em *Art Indef N1 de Nsing2*, *N2* é tomado em menor grau do que em *Art Indef N1 de Npl2*. Aparentemente, trata-se de um laço de polissemia, em que, entendidas em uma escala mais subjetiva, as avaliações podem ser tomadas em graus alternados. No que tange, ainda, a disposição dessas construções na rede, confirmou-se, em análise anterior (ALONSO, 2010), uma tendência a se postular a anterioridade de *Art Indef N1 de Nsing2* diante e *Art Indef N1 de Npl2*.

Conclusão

Por fim, a partir do que foi exposto anteriormente, foi possível identificar 4 construções diferentes no português – *Num N1 de Nsing2*, *Num N1 de Npl2*, *Art Indef N1 de Nsin2* e *Art Indef N1 de Npl2* – relacionadas ao padrão mais geral *um N1 de N2*. Como se pôde ver, duas dessas construções apresentaram sua formação com numeral e duas com artigo indefinido; duas apresentaram relação parte-todo com proeminência na parte, duas com perfilamento do todo; e, por fim, duas construções foram entendidas como mapeadas dentro do espaço das avaliações subjetivas.

Além disso, também foi possível propor uma rede envolvendo esses 4 tipos construcionais, entendendo-os dispostos via o conceito de semelhança por familiaridade. A relação entre as construções se justificou por associações de ordem estrutural e cognitiva, ratificando a proposta da Linguística baseada no uso, a partir da qual padrões repetidos no uso da língua se gramaticalizam em pareamentos de forma e sentido e novas construções são concebidas a partir do conhecimento que o falante possui de construções anteriores. ☒

Recebido em 31/01/2011. Aceito em 17/03/2011

ALONSO, K. S. B. BINOMINAL QUANTITATIVE CONSTRUCTIONS

Abstract

This paper aims to describe the quantitative binomial constructions related to a more general pattern um N1 de N2. For that, it will be used as the theoretical basis the principles of Usage-based Linguistics, Goldberg's grammar construction and grammaticalization process understood as the formation of new grammatical patterns in language. Finally, we propose a constructional network involving the constructs described, which will be justified in terms of grammatical factors and cognitive function.

Keywords

grammaticalization, construcion grammar, binominal quantitative constructions, usage-based Linguistics

Referências

ALONSO, Karen Sampaio Braga. Construções binominais quantitativas e construção de modificação de grau: uma abordagem baseada no uso. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

BARLOW, M., KEMMER, S. (Org.). *Usage based models of language*. Stanford, California: CSLI Publications, 2000.

BYBEE, J. From usage to grammar: The mind's response to repetition. *Language*, Washington, DC: Linguistic Society of America, v. 82, n. 4, p. 711-733, 2006.

BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In: JOSEPH, B., JANDA, R. (Org.). *A handbook of historical linguistics*. Malden, MA: Blackweel Publishing, 2003

CASTILHO, Célia M. Quantificadores indefinidos. In: CASTILHO, A. T., ILARI, R., MOURA NEVES, M. H. (Org.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2008.

GOLDBERG, A. E. *A construction grammar approach to argument structure*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1995.

NOËL, D. *Diachronic construction grammar vs. Grammaticalization theory*. 2006. Disponível em: <<http://hub.hku.hk/handle/123456789/38694>>. Acesso em: 10 jul. 2007.

TALMY, L. *Grammatical construal: the relation of grammar to cognition*. In: GEER-AERTS, D. (Org.). *Cognitive Linguistics: Basic Readings*. Berlim/Nova York: Mouton de Gruyter, 2006.

TOMASELLO, M. *Constructing a language – a used-based theory of language acquisition*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2003.

TRAUGOTT, E. C., DASHER, R. B. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

WITTGENSTEIN, L. *Investigações Filosóficas*. Coleção: Os Pensadores (inclui Vida e obra de Wittgenstein). 3 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

Bibliografia

FAUCONNIER, G. *Mappings in thought and language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

FRANCIS, E. J., MICHAELIS, L. A. (Org.). *Mismatch: form-function incongruity and the architecture of grammar*. Stanford, CA: CSLI Publications, 2003.

GOLDBERG, A. E. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HOPPER, P. J., TRAUGOTT, E-C. *Grammaticalization*. 2 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

LAKOFF, G., JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago/London: University of Chicago Press, 1980.

SILVA, J. R. *Motivações semântico-cognitivas e discursivo-pragmáticas nos processos de intensificação*. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós Graduação em Estudos da Linguagem (PpgEL), Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), 2008.

TRAUGOTT, E. C. Constructions in grammaticalization. In: JOSEPH, B. D., JANDA, R. D. (Org.). *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell Publishing Ltda, 2003.

TRAUGOTT, E. C. The concepts of constructional mismatch and type-shifting from the perspective of grammaticalization. *Cognitive linguistics*, Berlin/New York: Mouton de Gruyter, v. 18, n. 4, p. 523-557, 2007b.

WITTGENSTEIN, L. *Gramática Filosófica*. São Paulo: Loyola, 2003.